

Trote: mesmo proibida, prática continua

LUIZ CARLOS DUARTE

•Veteranos insistem em rasgar roupas e pintar os corpos dos calouros, obrigados a pedir dinheiro nas ruas

Roberto de Castro

roberto.castro@jfhoje.com.br

Com roupas rasgadas, corpos pintados e adereços como orelhas de burro, calouros pediam dinheiro nas ruas da cidade ontem, primeiro dia do trote dos cursos da UFJF. Embora não aprovada pela administração da universidade, que prefere a modalidade cultural ou solidária, a atividade teve início já no portão de entrada da instituição. O trote preocupa pela possibilidade de excessos e a universidade não pode intervir fora do Campus. Mas o calouro que se sentir agredido tem a possibilidade de reclamar, e o responsável pode até ser desligado da instituição.

O pró-reitor de Graduação da UFJF, Eduardo Magrone, analisa que, quando acompanhado de constrangimento, o trote é um ritual fascista, numa referência ao regime autoritário que teve origem na Itália.

— O fascismo não está no Estado, mas na sociedade — observa, citando o filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno. O pró-reitor lembra que, na matrícula, os novos alunos são informados de que não são obrigados a participar



•Proibido dentro da Campus, trote já começa na porta da Universidade e divide opiniões dos estudantes

do trote. Porém, segundo ele, o calouro acaba aceitando como forma de mostrar sua vitória para a sociedade.

CONTROVÉRSIA

— Acho que faz parte da cerimônia de iniciação, mas não

concordo com as formas agressivas e que o aluno seja obrigado a participar — opinou o calouro de Comunicação Social Messias

Trabalho de desmobilização

— Este tipo de trote depõe contra o espírito humanista e de respeito que deve caracterizar a convivência universitária — opina o pró-reitor Eduardo Magrone. No entanto, ele reconhece que uma política repressiva pode até piorar a situação. Por isso, a tática tem sido um trabalho de desmobilização social por meio das coordenações de curso e de orientações no site da UFJF.

O pró-reitor lamenta que, durante o trote de ontem, muitos veteranos vestissem a camiseta de uma empresa especializada em organização de eventos, a Phormar.

— A gente está lutando contra uma tradição e tem que contar com um mínimo de apoio. Eles, ao contrário, estão dando incentivo material ao trote — comentou.

A assessora de marketing da Phormar, Nathália Itaborahy de Queiroz, garante que a empresa não é a favor desse tipo de trote. Segundo ela, foi uma coincidência os veteranos terem vestido a camiseta, criada para di-

vulgação da festa realizada para receber os calouros.

ALTERNATIVAS

Magrone informa que o objetivo é trabalhar contra a ideia de que é preciso se degradar para pertencer a um grupo. Porém, o resultado ainda não foi o esperado. Em 2007, a UFJF lançou com concurso de trote solidário e, de acordo com o pró-reitor, não mais que quatro cursos se interessaram em participar. Ele conta que, para o segundo semestre, a universidade deve preparar alternativas, como atividades culturais e um ciclo de palestras.

Apartir do trote tradicional, os veteranos de farmácia avisam que já vão sair na frente e promover uma atividade solidária. Na manhã de sexta-feira, eles participam de uma doação de sangue na Fundação Hemominas. Os calouros serão também convocados a doar alimentos não perecíveis e brinquedos, que serão encaminhados a uma instituição de caridade.

Matheus, 30 anos. O estudante disse também que não ia pedir dinheiro até juntar R\$ 100, dinheiro que vai para a chopada dos veteranos. A alternativa encontrada foi tirar do próprio bolso. Apesar de participar da atividade, a caloura de farmácia Cátia Rocha Coelho, 20 anos, declarou ser contra:

— Eles (os veteranos) podem achar divertido, mas bastam as pessoas que já estão na rua pedindo dinheiro — questionou.

Embora afirme que não há violência e que ninguém é obrigado a participar, uma veterana de Farmácia deu entrevista sem se identificar.

— Eu tirei proveito do meu trote e não vejo problema, desde que a pessoa aceite — comentou, observando que, dos 40 novos alunos, só 25 estavam presentes.

— O trote promove a integração e os próprios calouros gostam — avaliou Ryan Brandão, 19 anos, do 3º período de Comunicação.

MÃES EM ALERTA

— Uma paciente minha, que também é mãe, desmarcou consulta porque está com medo e vai filmar todo o trote — contou a dentista Denyse Barbosa, mãe de um calouro do curso de Medicina.

Ela reconhece que em Juiz de Fora não há relato de trotes muito violentos, mas se preocupa, por exemplo, com a possibilidade de os novatos beberem e se machucarem.

— A única saída é preparar os veteranos porque quem levou um trote ruim vai dar um ainda pior — conclui Denyse.

Ladrão dorme dentro de carro que furtou

A Polícia Militar (PM) registrou, mais uma vez, o caso de um ladrão de veículo que foi flagrado dormindo dentro do carro. A ocorrência de tentativa de furto foi registrada, na manhã do último domingo, no Bairro Costa Carvalho.

O autor, de 25 anos, que se declarou como sendo auxiliar de serviços gerais, foi surpreendido pelo proprietário do Fiat Fiorino, enquanto dormia dentro do veículo de portas de trancadas.

A vítima contou que deixou seu au-

tomóvel estacionado, na noite de sábado, por volta das 22h, na Avenida Sete de Setembro. Ao retornar ao local, na manhã de domingo, reparou que o veículo estava arrombado.

Sua supresa foi deparar com o autor do arrombamento dormindo no interior do carro. Imediatamente ele acionou a PM, que fez a prisão em flagrante do criminoso. A vítima não deu pela falta de nada dentro do Fiorino.

Após 6 dias de coma, pedreiros afixados morrem

Os dois pedreiros que sofreram asfixia enquanto trabalhavam na construção de um reservatório de água subterrâneo, no Bairro São Mateus, morreram no domingo. Bruno César de Souza, 27, e Cristiano Domingos, 21, estavam internados no Hospital e Maternidade Terezinha de Jesus, em coma, desde a segunda-feira, dia 8. Um terceiro pedreiro, Jucimar Antônio de Paula, 29, que também trabalhava no local, já havia falecido no dia do acidente.

O reservatório em que os operários

trabalhavam tinha dois metros de profundidade, e ficava num prédio em obras situado na Rua Vila Rica. Na ocasião, as vítimas retiraram os taipás utilizados na construção e desmaiaram em seguida. O ar do ambiente em que trabalhavam foi analisado pelos bombeiros: havia apenas 5,9% de oxigênio, sendo que 19% de oxigênio é o mínimo necessário para uma pessoa manter-se consciente. Também foram registradas presenças dos gases metano (CH₄) e monóxido de carbono (CO).